

## **(RE)APRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS DO ESPAÇO MUNICIPAL: MAPAS ARTÍSTICOS EM DERIVA DA CARTOGRAFIA ESCOLAR<sup>1</sup>**

(Re)apresentaciones cartograficas del espacio local: mapas artisticos a la deriva de la Cartografía Escolar

Cartographic (re)presentations of local space: artistic maps adrift from School Cartography

**Cassio Expedito Galdino Pereira<sup>2</sup>(BR)**

Universidade Regional do Cariri  
cassio.expedito@gmail.com

**Jörn Seemann<sup>3</sup>(AL)**

Universidade Regional do Cariri  
jornseemann@gmail.com

### **Resumo**

Partindo da importância de relacionar no ensino o conteúdo com a paisagem que se observa, queremos aqui propor uma reflexão através do uso de mapas mentais para a percepção da paisagem vivida do aluno. Essa alegação será defendida através de um estudo de caso realizado nas escolas públicas do município de Barbalha, no Sul do Ceará. Baseando-se nas reflexões de Deleuze e Guattari, queremos expor que o mapa não é um decalque ilustrativo na aula, mas é múltiplo, singular, rizomático. Deste modo, almejamos desvendar essas geografias não visíveis no livro didático que são geografias pessoais com suas paisagens impregnadas de crenças, ideologias e sentimentos que se tem do local.

Palavras-chave: (re)apresentações cartográficas; mapas mentais; Barbalha.

<sup>1</sup>Esse estudo é parte do projeto "Imagens, Geografias e Educação", Processo CNPq 477376/2011-8.

<sup>2</sup>Bolsista de Extensão Universitária, Universidade Regional do Cariri – URCA.

<sup>3</sup>Professor adjunto do Departamento de Geociências.



## Resumen

Teniendo en cuenta la importancia de vincular el contenido de la enseñanza con el paisaje que se observa, que aquí proponemos una reflexión a través del uso de mapas mentales para la percepción de la paisaje vivida por el estudiante. Esta afirmación se defendió a través de un estudio de caso en las escuelas públicas de Barbalha en el sur de Ceará (Brasil). Sobre la base de las reflexiones de Deleuze y Guattari, queremos exponer que el mapa no es una calcomanía ilustrativa en clase, pero es múltiple, singular, rizomático. Por lo tanto, nuestro objetivo es desentrañar esas geografías ocultas en los libros de texto que son geografías personales con sus paisajes impregnadas de sus creencias, ideologías y sentimientos que si tiene de lo local.

Palabras clave: (re)apresentaciones cartograficas; mapas mentales; Barbalha.

## Abstract

Based on the importance of teaching content related to the landscape that can be seen, we propose a reflection through the use of mental maps for the perception of landscape experienced by students. This claim will be defended through a case study in public schools in Barbalha in southern Ceará (Brazil). Based on the reflections of Deleuze and Guattari, we want to expose that the map is not an illustrative tracing in class, but multiple, singular, rhizomatic. Thus, we aim to unveil these geographies that are not visible in the textbook, personal geographies with their landscapes, impregnated by beliefs, ideologies and feelings that you have of the location.

Keywords: cartographic (re)presentations; mental maps; Barbalha.



## INTRODUÇÃO

Compreender o espaço vivido e/ou percebido foi sempre um dos alvos do ser humano. Desde os primórdios da Antiguidade busca-se entender e revelar a Geografia que existe na paisagem, levando a expor essa sua interpretação da paisagem vivida com valores socioculturais através de mapas mentais. Essas (carto)grafias são expostas em pinturas rupestres, pergaminhos ou papel (KATUTA, 2003; KOZEL; GALVÃO, 2008), revelando assim o legado de uma sociedade e a sua relação com o espaço e a natureza. Neste sentido, vemos que o conhecimento geográfico de uma sociedade pode ser esboçado através de mapas mentais (OLIVEIRA, 2009) que revelem a paisagem vista, vivida ou imaginada em um determinado tempo histórico (KATUTA, 2001; RICHTER, 2011).

Com o desenvolvimento da ciência geográfica, esta ideia de compreender e representar a paisagem foi amplamente utilizada. Porém, quando esta ciência virou uma disciplina para o ensino básico, seu poder de análise não foi mensurado para o aluno. A Geografia trabalhada nas escolas detinha-se a apenas descrever os aspectos físicos, sem relacioná-los com a sociedade. Lacoste (1988) afirma que a disciplina foi taxada como simplória e enfadonha, devido à falta de aplicação de seus conteúdos ao cotidiano do aluno.

Atualmente, a Geografia aplicada no ensino básico ainda está impregnada com este modelo tradicionalista: decorar nomes de rochas, rios, capitais de países entre outros exercícios de memorização. Por vezes,

esse processo de “aprendizagem” é considerado mais importante do que a própria utilização destes recursos e/ou as relações sociais que ocorrem no espaço vivido (VESENTINI, 2009). Tal situação leva os alunos a não se interessarem por essa disciplina, ao passo que a consideram desinteressante e desestimulante.

Deste modo, entende-se que na sala de aula muitos professores tratam do assunto de acordo com os conteúdos do livro didático e isto acarreta um entrave no ensino, pois os exemplos ficam muito longe da realidade vivida. Neste sentido, é importante mostrar que o conteúdo levantado num olhar mais próximo da nossa realidade é de sumo valor, pois expõe que a matéria estudada em sala de aula tem a ver com o espaço onde estamos inseridos.

Notamos que deve existir um estudo a partir das perspectivas das geografias menores, que derivam da perspectiva da Geografia Maior (OLIVEIRA JR., 2009). Dessa perspectiva, vamos conseguir derivar das imagens clichês que temos presos no nosso pensamento e trazer novos percursos e movimentos nômades para a Geografia e logo para a Cartografia (OLIVEIRA JR, 2012).

Neste sentido, este artigo tem o objetivo de apresentar a importância do uso de mapas mentais para a percepção da paisagem vivida do aluno no ensino de Geografia. Esse argumento será defendido através de um estudo de caso realizado nas escolas públicas do município de Barbalha, no Sul do Ceará. Revelaremos que há Geografia no nosso dia-a-dia que não aparece no livro didático. Portanto, queremos expor essa Geografia



não visível no livro didático, a Geografia do município, para mostrar paisagens impregnadas de crenças, ideologias e sentimentos que se tem do local.

### **COMPREENDENDO A PAISAGEM DO ESPAÇO VIVIDO: UTILIZAÇÃO DE MAPAS MENTAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Na prática docente no ensino básico, quando se trata de estudar e analisar a cartografia como uma explanação e expressão da paisagem no âmbito da Geografia, verifica-se que as questões da nossa realidade, muitas vezes, não são abordadas, levando a nossa sociedade a não ler criticamente a paisagem como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) orientam (SEEMANN, 2003a). Sabendo que “entender as diferentes paisagens produzidas pelos seres humanos, ou a atual organização territorial do mundo, é o principal papel da ciência geográfica” (KATUTA, 2002, p.169), nota-se que o processo de ensino-aprendizagem deve ser mais incisivo, pois não conseguimos captar de forma clara o conhecimento científico apreendido na escola. Além disso, este conhecimento parece que só existe em outros lugares, mas não existe no espaço vivido do aluno. Esta problemática é gerada por dois aspectos relevantes: o despreparo do docente com este conteúdo e a falta de material na escala municipal para compreender o conteúdo no espaço local.

Quanto ao primeiro aspecto, pode-se dizer que ele ocorre devido a dois motivos relevantes: a má formação dos professores na universidade e/o a condução

da disciplina no ensino básico por um licenciado formado em outra área. Em relação ao primeiro motivo, este trabalho não almeja culpar a universidade formadora destes alunos, como se esta não estivesse realizando seu trabalho, mas queremos mostrar que o ensino dentro destas instituições é, em parte, desconectado do que acontece na realidade, tornando assim a licenciatura um saber técnico (GIROTTO, 2011). Em outras palavras, os formandos aprendem inúmeros conceitos, mas não constroem habilidades para trabalhar esse conteúdo no ensino básico, deixando os professores e alunos desmotivados, pois suas atividades cognitivas são desinteressantes e nada criativas, criando um quadro triste de dissabores do que de bons humores no ensino (KAERCHER, 2004). No caso do segundo motivo, nota-se que professores, que passaram quatro anos se especializando em uma disciplina específica (como por exemplo, história), chegam ao mercado de trabalho como educador multidisciplinar para cumprir uma determinada carga horária e receber um salário muito inferior à suas necessidades.

Isso se agrava mais ainda, quando o professor trabalha esse conceito munindo-se apenas dos conteúdos elucidados pelo livro didático, pois os termos abordados podem não ser dominados pelo professor. Além disso, ainda que o docente procure outras ferramentas didáticas, estas ainda encontram-se pouco disponíveis, devido à falta de investimentos no ensino da rede pública municipal. A partir disso, “os alunos tornam-se reféns dos exemplos que os livros didáticos trazem, levando-se em conta que essas são propostas



distantes da realidade cotidiana municipal” (PEREIRA; SEEMANN, 2012).

Deste modo, verifica-se que em sala de aula, o professor de Geografia não consegue construir o conceito de paisagem de modo a interagir com a realidade do aluno. Faltando essa apreensão, os discentes não conseguem perceber o conteúdo visto em sala no seu dia-a-dia, podendo deixar coisas importantes obscuras em sua vida. Compreendemos que “nossa existência tem um caráter geográfico/espacial intrínseco. Não refletir sobre os aspectos espaciais da existência do ser humano é deixar uma faceta primordial de nossas vidas no escuro! Um desperdício!” (KAERCHER, 2004, p. 56).

Levando em consideração o exposto anteriormente, surgem alguns questionamentos: como trabalhar a paisagem do cotidiano visto pelo aluno, como os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais apontam, para torná-lo assim um cidadão ciente do espaço que habita, sem conhecer os elementos paisagísticos que compõem este lugar? Como podemos agir nos problemas que afligem este espaço vivido, sem entender de que espaço se trata?

Constata-se que para o entendimento do espaço vivido é necessário que possamos compreender a paisagem que observamos, porque a paisagem é essencial para perceber e apreender como se realiza a repartição dos elementos físicos e seres vivos na superfície observada.

Partindo desse ponto, seguimos a ideia de Cosgrove (1998) que afirma que a Geografia está em todo lugar e que é na paisagem cotidiana que podemos vê-la, pois temos a paisagem como “uma maneira de ver,

uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, em uma unidade visual” (COSGROVE, 1998, p.98). Logo, a paisagem pode se tornar algo imageado pelo ser humano, podendo expressar sua realidade ou seu imaginário.

Tuan (1980) revela que a paisagem pintada pode ser tomada como estruturação particular da realidade. Porém, vemos que o academicismo atrapalha a visão e a percepção da realidade (TUAN, 1980). Constatando que cada pessoa tem uma percepção diferente da paisagem, por ter em suas entranhas um enredo sociocultural, político-econômico e imaginativo, torna-se imprescindível produzir métodos e ações para perceber a visão que o aluno tem sobre a paisagem.

Seguindo este ponto de vista e tendo como base as orientações dos PCNs que indicam a utilização de linguagens alternativas no ensino de Geografia, percebemos que somente a linguagem cartográfica auxiliará o aluno a conseguir identificar, compreender, comunicar, orientar-se e representar de forma regional seu lugar. Porém, vendo que a produção dos mapas do município, de uma forma geral, é escassa verificamos o quão é relevante este trabalho. Os alunos para perceber essa paisagem necessitam de alguma representação feita. Então, surge a seguinte indagação levantada por Seemann (2012, p. 98):

*O que fazer quando não temos um mapa do nosso lugar? O que fazer quando o mapa não está disponível, porque a burocracia dos órgãos públicos ou das empresas executoras não permite o acesso? Quando o mapa que procuramos simplesmente não existe, nunca existiu? Ora, será a nossa tarefa FAZER o mapa.*



Neste trabalho, buscamos tensionar a produção de mapas mentais voltados ao entendimento da paisagem do espaço vivido feito pelos alunos e professores da rede de ensino básico do município de Barbalha, Ceará, tornando o processo de ensino-aprendizagem da escola mais dinâmico e proveitoso. Os mapas produzidos tornaram-se um meio para analisar a percepção dos elementos paisagísticos percebidos pelos alunos, levando a um melhor entendimento de como está a paisagem e quais são seus possíveis problemas.

Apoiamo-nos na ideia de Oliveira Jr. (2012) de que devemos esvaziar todas as imagens clichês que dificultam nossa imaginação, levando-as para contaminar-se com outros universos culturais, com outras potencialidades enquanto linguagem e expressividade, buscando que os alunos tragam as múltiplas expressividades que estão presentes na paisagem. Assim sendo,

*o que se propõe não é a descoberta de algo que ainda não existe, mas a deformação de algo que já existe, levando a palavra mapa (a imagem mapa) a deslocar-se de si mesma, ampliando suas margens, adquirindo novos contornos que potencializam sua ação no mundo, arrastando consigo a cartografia e mesmo a escola, para outras paragens, mais imaginantes (OLIVEIRA JR, 2012, p. 14).*

Por este motivo, entendemos que essa percepção deve ir muito além do visual, integrando-se aos demais sentidos. Devemos desacostumar a imagem clichê da paisagem que temos construído para ir a um devir, grafando poeticamente o espaço vivenciado. Por isso,

revela-se que as inter-relações e interações entre cartografia e arte (HARMON, 2009) serão fundamentais para auxiliar o aluno a ter a percepção sobre os fenômenos de forma crítica e interativa.

Entretanto, vale ressaltar que o foco principal não são as representações cartográficas da paisagem completas e detalhadas (BERTRAND, 1971), mas sim os mapeamentos cognitivos dos estudantes. O ato de mapear é muito mais que uma mera reprodução inconsciente, que representa o espaço configurado da forma que é apresentado. Deve-se entender que mapear é (re)pensar o espaço, (re)apresentando-o<sup>4</sup> com suas novas configurações e dimensões.

Baseando as nossas reflexões no conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1995) aplicado na Cartografia, afirmamos que o intuito é que os alunos façam mapas e não decalques. O mapa que seja subjetivo e singular. Um mapa rizomático com suas múltiplas entradas e saídas, múltiplos sentidos, que pode ser produzido e desconstruído, com novos enunciados, novos desejos.

---

<sup>4</sup>Com base em Oliveira Jr. (2011), utilizamos o termo "(re)apresentação do espaço" à medida que estamos trabalhando com as rasuras dos mapas oficiais que existem do espaço geográfico os quais já foram apresentados e colocados como uma verdade oficial e fiel do espaço. Neste sentido, ao(re)apresentar vamos buscar que os alunos mostrem que existem outras visões de mundo e não só a que foi posta como "verdadeira". Vale salientar que os mapas são construções humanas e como tais são centrados e projetados em escolhas pessoais, sendo afetados pelas emoções, ideias, conceitos e atitudes do mapeador.



O mapa, neste sentido,

*(...) contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p.21).*

Deste modo, o mapa rizômatico vai criar suas linhas de fuga (DELEUZE e GUATTARI, 1995) dos sistemas cartesianos e mostrar que os mapas não devem ser compreendidos como artefatos prontos e acabados, mas como processos de indagação para o ensino (SEEMANN, 2002). Em outras palavras, os mapas não se limitam apenas à sua forma material no papel, mas também abrangem a produção de mapas mentais de um lugar, registros efêmeros como um rabisco no papel (croqui), um mosaico de fotos ou um cordel com uma dimensão geográfica. A cartografia se torna um processo construtivista de aprendizagem inter e/ou transdisciplinar para o entendimento dos elementos que estão organizados em uma dada parcela do espaço.

## ENFRENTANDO QUESTÕES METODOLÓGICAS

Para a construção do presente trabalho, foi delimitada inicialmente uma área de estudo. O município

de Barbalha no Ceará se destaca pelo rico potencial paisagístico natural e cultural que estimula atividades inerentes ao processo de ensino da Cartografia, dentre as quais a produção de mapas mentais. Para apreendemos um pouco sobre como instigar essa atividade cartográfica em sala de aula selecionamos um valioso referencial teórico-metodológico, através dos quais alguns dos principais trabalhos referentes ao conceito de paisagem em Geografia e o uso da Cartografia como processo de percepção da paisagem foram selecionados, lidos e analisados (TUAN, 1980; COSGROVE, 1998). Deste modo, essas referências fundamentam a compreensão acerca dos processos naturais e antrópicos existentes na área de concentração da pesquisa.

Foram realizadas atividades nas escolas públicas do município, com o intuito de fazer com que os alunos e professores possam conhecer as técnicas e recursos para a produção de mapas mentais da paisagem do município. Esses mapas mentais são feitos a partir das observações dos estudantes que transformaram suas percepções cognitivas da paisagem em um mapa imagético do espaço, podendo ser reutilizado como material didático. Vale ressaltar que estes dados podem ser representados a partir do imaginário do aluno, levando-se em consideração a sua fantasia e criatividade.

Para executar a produção dos mapas mentais de Barbalha, tivemos a parceria das escolas: E.E.F. São Sebastião, E.E.F. Senador Martiniano de Alencar, E.E.F. Josefa Alves, E.E.M. Aauto Bezerra, E.E.F. Raul Coelho, E.E.F. Cesar Cals e E.E.M. Virgílio Távora. Porém, em algumas delas não tivemos um êxito esperado pelas



burocracias internas da escola. Entretanto, mesmo com estes percalços no caminho, tivemos em um ano e três meses de pesquisa o total de alunos e professores participantes chegando a mais de oitocentos e mais de 1300 mapas produzidos.

Esses mapas foram feitos com materiais simples, em sua maioria folhas de papel em formato A4, lápis de cor, giz de cera e pinceis. Porém, vale lembrar que todo material que permitisse mostrar o que era observado na paisagem era válido para ser aproveitado, desde desenhos, croquis, poemas, cordéis, grafite, recursos computacionais até formas diferentes de mapear como colagens, composições de fotos ou qualquer material que expressasse a percepção dos mapeadores com a temática.

Ao final dessa produção houve uma discussão e divulgação dessas produções em sala de aula. Este momento serviu para socializar os resultados obtidos e discutir como os estudantes percebem e representam as paisagens que observam.

## MANEIRAS CRIATIVAS DE MAPEAR O MUNICÍPIO

Nas escolas públicas do município de Barbalha averiguamos que as obras cartográficas e artísticas feitas pelos estudantes perpassam a noção que o livro didático passava de forma generalizada.

Os desenhos evidenciam a Geografia presente naquele espaço, mostram claramente como as crianças percebem o seu espaço vivido, seja por narrativas dos

mais velhos, seja por atividades diárias que realizam ou manifestações culturais das quais estão participando. Neste sentido, a Cartografia é um facilitador para perceber, interpretar e representar paisagens que observamos. Os estudantes revelam todas as paisagens que vivenciam em seus trajetos nos seus mapas mentais. Isso liberta de forma espontânea a Geografia pessoal que o estudante possui. Deste modo, temos que considerar estes mapas:

*(...) como uma pessoa que fala de uma maneira clara e convincente sobre um tema do qual possui apenas um conhecimento imperfeito. Defendendo uma postura mais crítica não significa necessariamente participar de uma "conspiração cartográfica", desconfiando da "sinceridade" e "boa-fé" de todos os mapas. É preciso adotar uma ótica mais humanista para "relativizar" a forma e os conteúdos dos mapas para mostrar como o espaço é percebido, concebido, compreendido e representado por pessoas e sociedades diferentes em contextos, tempos e espaços diferentes (SEEMANN, 2003, p.26).*

Nos primeiros dias do projeto foram expostos algumas técnicas e recursos para que os alunos produzissem mapas mentais do município, nos quais representariam o município de um modo primoroso e original. E destes mapas vieram algumas coisas interessantes, que vale aqui expor. No mapa da figura 01 nota-se uma representação de um menino com vários monumentos de uma paisagem dentro do seu corpo. Podemos notar que o aluno traçou somente a paisagem do sítio onde ele mora, zona rural de Barbalha, em seu corpo. Podemos ver as suas emoções transpassadas, pois como ele próprio falou: "coloquei em meu corpo locais marcantes





Figura 1: Foto de PEREIRA, C. E. G

do município". Porém, algumas questões ainda não ficaram claras como, por exemplo, por que o aeroporto está fora do seu corpo-território.

Essas questões levaram a uma profunda reflexão sobre as razões de representar um lugar desta maneira. Colocar no corpo o que é marcante na paisagem faz com que (re) pensemos o espaço, e, isto nos leva a vermos a potencialidade de imagear essas (re)apresentações do mapa municipal, fazendo de uma maneira inovadora e criativa pensarmos esse território. Esse mapa nos leva a questionar: será que essas paisagens que nós vivenciamos e/ou que nos marcam não fazem parte de nós? Neste sentido, quando tratamos de pedir para que os alunos representem o município a partir do que eles conhecem, essa potencialidade, essa multiplicidade de visões do espaço são feitas. Devemos entender que os alu-



Figura 2: Foto de PEREIRA, C. E. G

nos têm realidades e experiências geográficas que não são postas no livro didático. Estes mapas manifestam olhares particulares sobre o espaço vivido dos estudantes. Podemos ver, por exemplo, na figura 02 representações de alguns estudantes que mostram sua casa e o entorno. Analisando esses mapas mentais vemos que aparecem obras artísticas, flores, casas, prédios, pessoas, árvores, o sol, nuvens, chuva, automóveis, estradas, animais em riquíssimo detalhe que um mapa convencional não traria.

Nessa perspectiva, as (re)apresentações podem materializar aspectos do espaço municipal que nem sempre são visíveis ao olhar passageiro. Dependendo do que se queira mostrar, podem-se utilizar diferentes



formas de representação, ou melhor, expressão artística que mostrem o local, pois a Cartografia não se resume ao mapa. Como uma linguagem subversiva do espaço vivido, expressa sentimentos, mitos, crenças, preceitos e preconceitos utilizados nos diferentes materiais para imagear o local.

Desta maneira, podemos apresentar a leitura da paisagem em forma poética. A literatura poética faz desordenar e desorganizar a Cartografia tradicional. Permite a criação de poemas que têm a finalidade de retratar o que existe na paisagem no seu pensamento. As poesias podem apresentar emoções em relação a uma paisagem, como podemos ver em poesias feita por alunos do quinto ano do ensino fundamental (dez anos).

[...]

Os teus devotos à instrução as tuas lutas cheia de ardor  
Os que batalham em teu favor  
Eu sonhei com ti com tanto amor  
A igreja e tão bela  
E o povo acende a vela na capela  
A tua fé cheia de esplendor  
O que batalham em teu favor

Terra querida és nossa vida  
Tudo daremos em teu favor  
Terra de santo Antônio nosso protetor. [...]

Na poesia acima, verifica-se que a estudante busca mostrar a paisagem da cultura religiosa do muni-

cípio que está dentro da identidade territorial do município (HAESBAERT, 1999). Os moradores de Barbalha têm uma grande devoção e fé em Santo Antônio, padroeiro da cidade, acreditando nos seus milagres, principalmente quando se trata da questão de matrimônio. Essa paisagem religiosa é ainda ressaltada com as novenas do santo, realizadas em junho, e o hasteamento do “pau de bandeira” do santo poucos dias antes de começar a novena.

Vale ressaltar que este pau torna-se um monumento religioso, pois é colocado em frente à igreja matriz no centro da cidade, onde este pode ser observado à distância. Desta forma, pode-se constatar que essa paisagem já é proporcionada desde criança, por toda essa manifestação cultural em volta do santo.

Em outra poesia intitulada “Sítio Macaúba”, outro estudante de dez anos revela em seus versos a questão da representação da paisagem urbana. Podemos ver que as comodidades urbanas chegaram à zona rural, trazendo mudanças nas vidas das pessoas, que em outrora se deslocavam em cavalos e agora estão em cima de uma moto:

[...]

Aqui na Macaúba eu ando de moto  
Onde eu tiro minhas fotos  
E ando de carro  
Onde encontro os cavalos

Entretanto, a questão da paisagem natural está quase sendo perdida, desvencilhada da zona rural, pois



outro estudante da zona rural (também de dez anos de idade) mostrou na sua poesia "Barbalha" como foi bom viver um dia em contato com a natureza, com tranquilidade, harmonia e sintonia:

Nesse lugar já morei  
A natureza subestimei  
Nesses rios já nadei  
Ô Barbalha linda e grande  
Lembro-me de você em um instante  
[...]

Ele escreve o poema em primeira pessoa, todavia pode ser subentendido que não é ele que desdenhou a natureza, por ser ainda uma criança, mas é ele e sua geração que acabará respondendo por esta ação, pois já não pode nadar nos rios que estão poluídos. Hoje o urbano não deixa esta antiga vida rural continuar.

Desta prenúncia, vemos que o estudante compreendeu perfeitamente que a urbanização está mudando a paisagem do município, criando uma nova paisagem menos verde e mais poluída. Será que ele e seus colegas teriam percebido tudo isso com base em teorias e exemplos longe da sua realidade?

Constatamos que os estudantes exibiram coisas intrínsecas da cidade, como a dependência da zona rural da cidade, mostrando que o poder do município, em especial político-econômico, está no centro urbano. Isso pode ser visto na figura 03, na qual a mapeadora apresentou Barbalha dentro do casarão antigo que existe no centro da cidade, colocando nas janelas os bairros vizinhos do centro e fora do casarão a zona rural.



Figura 3: Foto de PEREIRA, C. E. G

Pode-se ver no mapa como o rural é colorido em verde, com árvores e a terra. Em contrapartida, na zona urbana da cidade se encontram casas e casarões antigos. Se analisarmos os mapas nas suas entrelinhas poderemos observar a questão de dependência da zona rural do centro da cidade. Esse exemplo ilustra bem como as representações poéticas e imagéticas feitas pelos estudantes, mesmo sem a intenção, estão carregadas de preceitos e preconceitos. O rural é verde e o centro urbano é o desenvolvimento, quem manda na cidade, quem organiza e quem ordena o espaço.

Deste modo, podemos ver que as representações da paisagem do município tornaram-se um pon-

to de partida para o aluno notar nas entrelinhas o que acontece naquela paisagem. Além disso, concordamos com Katuta (2002, p. 168) que “devemos entender a lógica da constituição e apropriação dos espaços aos quais temos acesso, para compreendermos alguns aspectos de nossa própria vida”. Ao entendermos como este espaço funciona, poderemos ver o que existe nele, e, daí então nos indagaremos: porque existe desta forma? Qual a função deste monumento no espaço? Por que houve essa mudança?

De modo criativo, o aluno pode se questionar sobre o espaço, vendo que este muda frequentemente. O aluno observa determinado momento e relata o que conseguiu extrair da paisagem, como podemos observar na poesia abaixo “Minhas Rimas”, feita por outro estudante, no qual se descreve a paisagem vista no trajeto feito casa à escola:

Nos rios tem muitos patos  
E as pessoas jogam muitos sacos  
Na estrada passa muito carro  
E os caminhões são muitos pesados  
Na minha sala tem muita gente que persiste  
E no final esquece o que existe  
Na natureza tem muita árvore  
E também tem mármore No mapa tem muito lugar E  
gente muito vulgar  
No hospital tem muito remédio  
E quem ajuda são os médicos  
A Macaúba é muito bom  
E algumas casas têm muitos sons

Analisando este poema, podemos ver que a paisagem deslumbrada tem características particulares. Essa paisagem relatada, vista nas entrelinhas, mostra vários aspectos que existem no sítio, como os serviços públicos, comércio, natureza e poluição (tanto no que tange a poluição ambiental dos rios como a poluição sonora). Desta forma, até os problemas paisagísticos do município são expostos de uma forma nova nestas obras cartográficas.

Em outro mapa, um estudante ao pensar qual paisagem ele percebia em Barbalha, fez um mapa mostrando que a paisagem de Barbalha estava suja e necessitava ser limpa. Por este motivo ele desenhou Barbalha como roupa suja que deveria ser lavada numa máquina de lavar (figura 04). Observando os detalhes do mapa, pode-se ver que as roupas têm os nomes de alguns bairros do município, sobre os quais o aluno comentou em sala de aula que são estes que estão em pior situação.

De modo inovador os alunos representaram a paisagem natural e cultural do município, revelando de uma forma crítica e criativa o que acontecia no local. Assim, vemos que estes desenhos infantis com uma finalidade educativa podem ser o começo para tomar gosto pela Geografia e Cartografia. Porém, isso só vai acontecer quando libertarmos a criança “para a misteriosa e divina tarefa de produzir coisas de acordo com seus sentimentos” (READ, 2001, p. 125).

Parafraseando Read (2001), com a educação cartográfica pela arte vislumbraremos a paisagem com outro olhar. Veremos pensamentos, visões e invenções





Figura 4: Foto de PEREIRA, C. E. G

sendo mostrados pelo estudante num mapa mental e artístico, tornando-se assim uma Cartografia da realidade subjetiva (SEEMANN, 2003b) - subjetiva porque mostra o seu ponto de vista sobre aquela paisagem, mas não é algo geral para todos. Veja o exemplo nos mapas vistos na figura 05, nos quais os estudantes manifestam ilustrativamente como veem a paisagem.

Nestes mapas, características espaciais apresentadas pelos estudantes podem ser um ponto de partida para a aula. Por exemplo, podemos ver nessas representações olhares diferentes da Chapada do Araripe, aparecendo formas que não condizem com a sua verdadeira forma, que é tabular, mas que é expressa no

mapa como uma montanha, uma serra, que leva a uma pergunta: por que eles representaram dessa forma? Partindo dessa conjectura uma aula sobre feições geomorfológicas pode ser começada. Além disso, podemos aprender com eles quais são seus conhecimentos próprios sobre aquele local. Neste sentido, a aprendizagem não vem do professor, mas do conhecimento do aluno.



Figura 5: Foto de PEREIRA, C. E. G

Além desse exemplo, outros traços espaciais que aparecem nos mapas podem ser usado para começar uma indagação na aula, como estradas que levam a um trajeto tendo corações, flores, árvores, currais, aves, porcos, carros, campos de futebol e outros símbolos. Consequentemente, fica evidente o poder que esses



mapas acima possuem em libertar uma narrativa de emoções vividas para a aula de Geografia. Os estudantes (re)criam mapas dos locais que já vivenciaram, não seguindo nenhum dos padrões cartográficos para representar o que observam, e, utilizam apenas o seu método de percepção da paisagem. Vale ressaltar que estes mapas devem ser analisados com cuidado pelo professor, pois podem ser real ou somente fruto da imaginação fecunda do estudante.

Podemos notar isso mais nitidamente na figura 06, onde se observa um destes momentos de produção que nunca mais se repetirá. Essa imagem foi tirada de dois estudantes que disseram que queriam fazer essa representação cartográfica da paisagem de sua rua e principalmente da sua casa no quadro branco. Consideramos uma pena de que do mapa completo, que continha detalhes primorosos, não foi tirada uma foto.

Esse mapa não continha somente uma narrativa, mas múltiplas vivências dos dois mapeadores. Vivências que o pequeno mapeador mostrou com os animais de estimação que tinha em sua casa, os problemas de calçamento na rua e o lugar onde ele e seus amigos jogam bola. Já a pequena mapeadora mostrou as narrativas com a sua casa, um pé de manga e um terreno que é vizinho de sua casa, contendo várias toras de madeira, telhas, tijolos e algumas casas construídas ou em construção. Depois que terminou de desenhar ela foi explicar que o terreno era ocioso e tinha sido invadido por pessoas sem casa para morar, ou seja, invadidos por algum movimento social. Assim, é evidente notar a potencialidade desse modo de mapear para trazer reflexões espa-

ciais pessoais para a aprendizagem. Então, este modo de mapear, esse mapa mental não poderia ser utilizado em sala?



Figura 6: Foto de PEREIRA, C. E. G

As potencialidades desses momentos infantis do processo de (re) apresentar os mapas através de narrativas próprias dos estudantes precisam ser notados, para que possamos utilizá-los no processo de ensino-aprendizagem. Ensinar o que existe na paisagem e como deve ser descrito num mapa submete a criança ao nosso modo de pensar adulto, não mostrando o que ela pensa sobre aquela paisagem. Por isso, percebemos que as crianças devem trazer seus conceitos, pois "o discurso das crianças revela para além da infância. Elas



são portadoras de representações que desvelam aspectos sociais intangíveis ao mundo adulto” (LOPES e VASCONCELLOS, 2005, p.48).

Diante do que foi exposto, a produção de mapas mentais pode trazer coisas efêmeras e as problemáticas sociais num simples rabiscar da criança. Notamos que para expressar as transformações do espaço nessas narrativas vividas, estas obras cartográficas são inovadoras, criativas e únicas. Vale ressaltar que esses mapas são únicos, pois se o estudante for representar outra vez a paisagem que ele tinha mapeado, não será a mesma. Outros detalhes aparecerão que não estavam presente no primeiro rabiscar, outro panorama será visto, outra tema/problemática aparecerá, outros sentimentos aparecerão ao observar essa paisagem e com isso outros mapas virão em sua mente. Isso acaba tornando o trabalho tão valioso, tão fecundo e tão único.

## REFLEXÕES

Com essa produção de (re)apresentações cartográficas que ressaltam a paisagem do espaço vivido dos estudantes, num âmbito de uma Geografia de cunho mais artístico, pessoal e cultural, feita pelos estudantes das escolas públicas de Barbalha, constatamos que a matéria estudada em sala será compreendida. Agora com estes mapas, os estudantes poderão conseguir discutir a questão da paisagem urbano-rural e seus processos intrínsecos e a influência da religião no cenário sociocultural de Barbalha.

Portanto, o estudante pode constatar pelo uso dos mapas que a Geografia não é uma ciência sem finalidade. O mapa torna-se o primeiro passo para um estudo em sala. Utilizar imagens, ilustrações e mapas que mostrem a realidade do estudante pode levar a uma aproximação dos conteúdos nos livros didáticos. Com isso a aprendizagem do estudante torna-se mais proveitosa. Ele pode perceber que as temáticas vistas em sala de aula existem em sua realidade. Inicialmente, muitos estudantes encararam esse exercício como uma brincadeira, mas ao desenvolver o projeto, eles conseguiram absorver muitas informações a respeito do trabalho proposto.

Ao relatar nos mapas a paisagem que ele vivencia, o estudante vai criando apreço com a Geografia, vendo que essa pode ser utilizada no seu espaço vivido. O aluno fica mais interessado nas aulas de Geografia, querendo entender como funciona e se organiza o espaço e vai entender de uma forma participativa que o objetivo da Geografia é o de entender como esse espaço funciona.

Assim sendo, em nossa pesquisa constatamos que o ensino da paisagem no âmbito da Geografia através dos mapas mentais foi um estímulo para o estudante querer entender mais a Geografia e o espaço vivido. Com isso, nota-se a saída da ineptidão para a criticidade. Entendemos que a Cartografia é elemento crucial para desenvolver o senso crítico dos alunos acerca da importância que se tem em conhecer o espaço geográfico no qual eles residem, tendo em vista que a Cartografia é uma ferramenta para compreender os ele-



mentos que compõem a paisagem, sendo a mediadora entre o perceptível e o representável. A interpretação dos espaços requer capacidades cognitivas relacionadas com a apreensão da realidade concreta das paisagens. Portanto, com todos os recursos disponíveis e com todas as possibilidades exploradas, pode-se trabalhar a paisagem natural, sociocultural e político-econômica da cidade de Barbalha como recurso didático no ensino de Geografia através de uma Cartografia mais solta, menos normalizada e mais artística.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Caderno de Ciências da Terra**, n. 13, p. 1-27, 1971.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens culturais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p.92-123.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v.1.

GIROTTI, Eduardo Donizeti. Qual geografia? Qual projeto? Repensando a formação inicial do professor de Geografia da Educação Básica. **Caminhos de Geografia** (UFU), v. 12, p. 210-220, 2011.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. 1ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 169-190.

HARMON, Katherine. **The map as art. Contemporary artists explore cartography**. New York: Princeton Architectural Press, 2009.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar na pratica docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica**. 2004. Tese (Doutorado em Geografia Humana)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

KATUTA, Ângela Massumi. Representação do espaço vivido, percebido, imaginário e concebido. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. ano 19, n.n. 02, p. 179-186, 2001.

KATUTA, Ângela Massumi. A leitura de mapas no ensino de Geografia. **Nuances**, P. Prudente, v. 8, p. 167-182, 2002.

KATUTA, Ângela Massumi. Representações cartográficas: teorias e práticas para o ensino de Geografia. **Geografares** (Vitória), Vitória, v. 4, p. 7-19, 2003.

KOZEL, S.; GALVÃO, W. Representação e ensino de Geografia: contribuições teórico- metodológicas. **Ateliê Geográfico** (UFG), v. 2, p. 33-48, 2008.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução Maria Cecília França. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1988.



LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. **Geografia da Infância - reflexões sobre uma área de pesquisa**. 1ª ed. Juiz de Fora: FEME/UFJF, 2005.

OLIVEIRA, Thales Fernandes da Silva. O uso de mapas mentais na formação do conhecimento geográfico: estudo de caso - Ensino Fundamental II. In: **XII EGAL**, 2009, Montevidéu - Uruguai, 2009.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pró-Posições** (Campinas), v.20, n.3, p. 17-28, 2009.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. A educação visual dos mapas. **Revista Geografica de America Central** (online), v. 47E, p. 1-20, 2011.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. Mapas em deriva - imaginação e cartografia escolar. **Geografares**, Vitória (ES), v. 12, p. 1-49, 2012.

PEREIRA, Cassio Expedito Galdino; SEEMANN, Jörn. A produção geocartográfica na representação do espaço de Barbalha, Ceará. In: **XV Semana de Iniciação Científica**, Crato (CE), p. 10, 2012.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. Tradução: Valter Lellis Siqueira. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 428p.

RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de Geografia: concepções e propostas para o trabalho docente**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SEEMANN, Jörn. Mapas e mapeamentos como geografia cultural em ação: convite à discussão. IN: **XIII. Encontro Nacional de Geógrafos, 2002**, João Pessoa. Cadernos de Resumos e CD-ROM (texto integral), 2002.

SEEMANN, Jörn. Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade. **Geografares**, Vitória (ES), v. 4, p. 49-60, 2003a.

SEEMANN, Jörn. Mapas e as suas 'agendas escondidas': Propostas para uma 'Cartografia Crítica' no Ensino de Geografia. In: **Anais do 7º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia**, Vitória (ES), 2003b. p. 24-31.

SEEMANN, Jörn. **Carto-crônicas. Uma viagem pelo mundo da cartografia**. 1ª ed. Gurupi: Ed. Veloso, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia : um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. S. Paulo: DIFEL, 1980.

VESENTINI, José William. **Repensando o Ensino da Geografia para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009. 161p .

